

Universidade
de Brasília
(UnB). memória.
xokleng@gmail.
com

VALORIZAÇÃO E PROMOÇÃO DE LÍNGUAS MINORITÁRIAS: FORMAÇÃO ACADÊMICA DE LINGUISTAS XOKLENG/LAKLÃNÕ

Nanblá Gakran

Resumo: Inicialmente o artigo apresenta a localização geográfica da Terra Indígena Laklãnõ dentro do Estado Brasileiro, falando também sobre os Xokleng/Laklãnõ e a língua falada por este povo, assim como a família linguística a qual pertence. O objetivo principal do artigo é demonstrar, ao público em geral, o potencial e a importância de investir na formação de pesquisadores indígenas e falantes de suas línguas maternas, para serem pesquisadores de suas próprias histórias e de suas línguas maternas. Sob este aspecto, o autor compartilha pequena partícula da pesquisa sobre as “marcas de gênero” da língua Xokleng/Laklãnõ da qual é falante nativo. Para pesquisa, o autor seguiu uma orientação linguística antropológica, acreditando que com isso, despertará mais interesse em pesquisar e explorar mais pesquisas sobre esta língua.

Palavras-chave: Índios Xokleng/Laklãnõ, Educação, Linguagem

BREVE HISTÓRICO E EXPERIÊNCIAS

Como membro do povo Xokleng/Laklãnõ, ao longo do tempo, estava me deparando com profundas alterações históricas nos costumes, língua e fala do meu povo, inclusive devido a uma escola que assumia a característica da educação escolar não indígena, que baseia o ensino na língua e na cultura nacional brasileira. Não havia objetivo fixado ou discussão pelo órgão responsável na época, seja o SPI, seja a FUNAI. Diante deste contexto citado anteriormente, como professor desta comunidade, preocupei-me em incentivar os jovens e os adultos sobre a importância da língua, de novos valores e de nossas tradições. Ao incentivá-los a não deixar os nossos costumes, buscava fazê-los refletir também sobre os meios de registrar para as gerações futuras.

Depois de incentivá-los, percebi que havia uma preocupação muito grande da comunidade em tentar recuperar seus costumes, língua, nomes, cantigas e crenças. Ao perceber que a comunidade estava preocupada em fortalecer seus costumes que foram esquecidos e deixados de lado, como professor, me preocupei em me preparar e buscar mais conhecimentos para poder ajudar o povo ao qual pertencço. Saí da Terra Indígena durante cinco anos para cursar um curso superior que me desse formação e titulação acadêmica, para melhor entender os processos históricos de minha sociedade Xokleng/Laklãnõ e poder contribuir com a produção de pesquisa e de trabalhar com as histórias desta nação. Pelo fato de os povos indígenas serem considerados “minorias” no Estado Nacional Brasileiro, os não índios nos atribuem um conceito negativo. Por esse motivo, julguei que um título acadêmico seria uma ferramenta de nossa luta e em qualquer publicação, garantiria que a palavra indígena fosse respeitada.

Assim, no segundo semestre do ano 2000, me graduei em Bacharel no curso de Ciências Sociais (com ênfase em Desenvolvimento Sustentável) na Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI) com o título de Sociólogo. Ao ver que ainda me faltava mais conhecimento para ser professor, fiz as complementações por mais dois anos e assim, no segundo semestre de 2002, me Licenciei em Sociologia. Com este título de Sociólogo e professor, vi que ainda me faltava mais conhecimento na área de Linguística, pois a preocupação na época era de registrar a língua Xokleng/Laklãnõ.

Neste sentido fiz um projeto para agora me especializar na área de Letras e Linguística, pelo peso que tomou a questão do ensino bilíngue e da revitalização da nossa língua, nessa luta de revitalização étnica. Fiz um projeto e mandei para um dos melhores Instituto de Estudo da Linguagem na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). O projeto cujo tema “Estudo da Morfossintaxe da Língua Laklãnõ/Xokleng Jê” foi aprovado, e neste meio tempo, consegui ganhar uma bolsa da Fundação Ford para me manter durante os estudos. Assim, fui morar em Campinas, SP por mais dois anos.

No primeiro semestre de 2005, concluí Mestrado em Linguística, na época tornando-me o primeiro linguista indígena no Brasil. Depois de alguns anos fora da Terra Indígena, retornei novamente para pôr em prática os conhecimentos adquiridos e, agora como linguista, auxiliei diretamente os professores na revitalização da língua materna Xokleng/Laklãnõ, em sala de aula, durante cinco anos.

Depois de cinco anos trabalhando diretamente com os professores em sala de aula, senti que ainda estava me faltando mais conhecimento e mais estudo na área de linguística, para uma análise mais aprofundada da língua Xokleng/Laklãnõ, pelo peso que tomou a questão do ensino bilíngue. Em 2010, fiz um projeto para cursar Doutorado na Universidade de Brasília e o projeto foi aprovado. No início de 2011, iniciei meu doutoramento e atualmente o curso está em fase de conclusão.

Neste sentido, quero compartilhar com o leitor uma pequena partícula da minha pesquisa dos aspectos mais centrais sobre as “marcas de gênero” da língua Xokleng/Laklãnõ, da qual sou falante nativo.

MARCA DE GÊNERO NA LINGUA LAKLANÕ (XOKLENG) JÊ

A língua Xokleng/Laklãnõ expressa uma distinção de gênero biológico – “macho” *versus* “fêmea” – por meio de diferentes estratégias:

- a) Uma terceira pessoa singular feminina **zi** e de uma terceira pessoa **ta, ti** no singular masculino, distinção que se neutraliza no plural, em que uma mesma forma pode referir-se tanto a vários seres masculinos, femininos ou seres de ambos os sexos representada pela partícula **óg** para indicar o plural; b) Um morfema de terceira pessoa feminina **zi** seguindo todo sintagma nominal que tem como referente um ser do gênero feminino; c). Distinção lexical dos gêneros masculino **kónhgág** macho e feminino **tá** fêmea; presença de termos de relações de parentesco que contrastam o que é do macho do que é da fêmea, ou o que se relaciona a um ou a outro. Trata-se, portanto, de gênero puramente com bases biológicas.

A FORMA ZI SEGUINDO NOMES

O Xokleng/Laklãnõ distingue nomes de pessoas do sexo masculino de nomes de pessoas do sexo feminino. Na cultura, os homens não podem receber nomes femininos, nem as mulheres nomes masculinos. Veja na lista nomes de pessoas dos dois sexos:

Nome Masculino	Nome Feminino	Nome Masculino	Nome Feminino
Tukun	Ãmnêdo zi	Dil	Van zi
Vãjegy	Txulunh zi	Kóvi	Tádo zi

A MARCA DE GÊNERO NOS NOMES

A marca de gênero em Xokleng/Laklãnõ é expressa por meio de concordância nos nomes. Todo sintagma nominal, que tem como referente seres com sexo feminino, recebe uma marca de gênero; já quando o referente é masculino ou macho não leva marca de gênero. Observe nos exemplos que se tratando de um nome de pessoa do sexo feminino, assim recebe a marca **zi**, uma marca que se gramaticalizou como concordância nominal de gênero, por outro lado veja no que diz respeito ao masculino:

01. Van **zi** vu kutã mu. → a Van caiu
 02. Lag **zi** vu blo te. → a Lag vai tomar banho

No Xokleng/Laklãnõ, no que diz respeito aos animais, nomes de animais que figuram como atributos em construções genitivas¹ mediadoras, se do sexo feminino, ou se fêmeas são modificados pelo nome *tá* fêmea, e se do sexo masculino, são marcados pelo nome *kónhgág* macho. Veja os exemplos.

03. glun tō tá g → gato fêmea,
 04. kabe tō kónhgág g → veado macho

Já em função argumental – sujeito, objeto direto, agente, complemento de posição recebem, além dos termos classificatórios de gênero – a macho ou fêmea -, os sufixos de concordância de gênero: Observe no exemplo a seguir:

05. glun tō tá zi vu goj ki kutã mu.
 gato fêmea ela caiu na água/ a gata caiu na água.

1 São construções que têm por núcleo um nominal que é possuído por outro nominal (incluindo-se os pronominais). Semanticamente, o nominal possuído pertence ao possuidor, faz parte ou é uma extensão dele.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo não teve grandes pretensões teóricas, mas objetivou trazer breve histórico do autor e uma pequena demonstração da língua Xokleng/Laklânô que consideramos pouco estudada. Como se trata de uma língua Jê “meridional” do Tronco-Macro Jê, essa apresentação poderá ser muito útil para o conhecimento de pesquisadores que trabalham com outras línguas dessa família. Busquei apresentar alguns exemplos simples para que o leitor tenha uma noção de como é a marca de gênero nesta língua. Considero que o Xokleng/Laklânô é uma língua que marca gênero biológico, em todos os nomes que tem como referente um ser dotado de sexo. Desenvolveu, ainda, um sistema de concordância que marca todo nome em função argumental. Sem essa concordância, os enunciados nesta língua são considerados agramaticais. O sistema de concordância é aplicado mesmo a nomes exclusivamente femininos, o que aponta para o seu alto grau de coerência gramatical. Espero que esse pequeno artigo possa contribuir para despertar maior interesse sobre a importância das línguas indígenas brasileiras. Sob este aspecto também posso fortalecer a língua materna deste povo.

REFERÊNCIAS

- CABRAL, A.S.C., RODRIGUES, A. D. (2002) *Línguas Indígenas Brasileiras: Fonologia, Gramática e História*. Atas do 1 encontro internacional do Grupo de Trabalho sobre Línguas indígenas da ANPOLL, vol.1 Belém: EDUFPA. 433 p.
- DANGELIS, Wilmar da Rocha. 2001b. *Gênero em Kaingang?* I ENCONTRO SOBRE LÍNGUAS JÊ. Londrina, UEL, 15- 16/02/2001. Em edição eletrônica: <http://www.lafape.iel.unicamp.br/Publicações/GENERO.pdf>.
- GAKRAN, Nanblá. *Estudo da Morfossintaxe da Língua Laklânô (Xokleng)*. Jê. Dissertação [Mestrado em Linguística]. UNICAMP, 2005.
- URBAN, Greg. 1985. Ergativity and accusativity in Shokleng (Gê). *International Journal of American Linguistics (IJAL)*. v.51, n.2, p. 164-187.